

**PROFESSOR,  
ASSOCIE-SE À  
APROPUC**

# PUCViva

Nº 975 - 15/02/2016

Jornal semanal da APROPUC e da AFAPUC

## ANO NOVO, VELHAS INDEFINIÇÕES

O ano de 2016 começa com as mesmas questões que fizeram com que a PUC-SP estivesse longe de atender as exigências de melhores condições de trabalho, salário e ensino em 2015 e em outras épocas.

Do ponto de vista trabalhista, apesar de ter sido pago o abono da Participação nos Lucros e Resultados (PLR), os valores ficaram aquém daquilo que professores e funcionários deveriam receber, principalmente pela aplicação por parte da Fundasp, de parâmetros diferentes daqueles estabelecidos pela legislação em vigor. Os trabalhadores da PUC-SP reivindicam uma revisão no pagamento do abono.

Por outro lado, se os 7,66% estão sendo pagos mensalmente, ainda não foi fornecida à associação a relação dos professores de Sorocaba que têm direito ao pagamento. A APROPUC também questionou junto ao Ministério Público, alguns itens do acordo firmado entre o Sinpro-SP e a Fundação São Paulo, principalmente aquele que

se refere ao desconto do INSS dos docentes, que pelo texto deveria ser pago pela Fundasp e não repassado aos docentes como o Sinpro vem fazendo.

Já do lado dos funcionários o pagamento das dívidas trabalhistas da década de 90, já acertados com a Justiça, continua tendo sua execução protelada pela Fundasp, são os chamados processos Camilo + 30 e o processo Anselmo + 100 (ainda tramitando na Justiça). Os funcionários ainda têm direito ao quinquênio, indevidamente denunciado pela Fundasp e que já foi deferido pela Justiça Trabalhista.

### ACORDO INTERNO

No final de fevereiro termina o Acordo Interno de professores e funcionários. A expectativa é que um novo texto avance nas conquistas trabalhistas que marcaram a PUC-SP como uma das maiores referências profissionais do país.

Também se aguarda com grande expectativa as propostas para a aposentadoria compulsória, anunciada pela man-

tenedora em 2015 e que encerraria as carreiras docentes e administrativa dos trabalhadores com 75 anos. A APROPUC e a AFAPUC fizeram uma série de observações à minuta apresentada ao Conselho Universitário, principalmente com relação ao pagamento das verbas rescisórias a que teriam direito os desligados, mas que foram omitidas no texto.

A PSI, Política de Segurança da Informação, teve sua implantação suspensa em virtude de questionamentos feitos pela APROPUC. Até agora, no entanto, a comunidade não foi notificada de um novo texto que contemple as falhas apontadas pela associação.

Por outro lado um novo ciclo de avaliação se aproxima e os docentes esperam que ele não seja meramente produtivista, tendo por parâmetros únicos as exigências da Capes ou as publicações ranqueadas pelo Quallis, excluindo-se atividades que sempre elevaram nossa docência a patamares de credibilidade acadêmica.

### ELEIÇÕES

Estes são alguns desafios que os gestores deverão enfrentar em 2016, ano eleitoral na PUC-SP, aguardado com a expectativa de que não se repitam os tristes desdobramentos que culminaram com a nomeação da professora Ana Maria Marques Cintra. O que certamente toda a comunidade espera é que impeça a democracia que marcou a PUC-SP no século XX, e que D. Odilo Scherer respeite a vontade da comunidade e seja empossado o nome mais votado. O escolhido deverá enfrentar todas estas questões, dentro de uma universidade que cada vez mais elitiza seu corpo discente com mensalidades elevadas acima da inflação e vendo seus principais docentes serem afastados por demissões arbitrárias ou melhores condições salariais oferecidas por outras instituições.

A APROPUC espera que sejam respeitados os princípios de democracia e autonomia universitária que sempre pautaram o cotidiano da universidade.

## De novo, o fantasma da diminuição de contratos e demissões

Ainda não se tem os dados definitivos, mas pelo que foi exposto aos diretores de Faculdades, fica claro que a entrada de ingressantes ficou aquém do esperado pelos gestores. Diferentemente do ano passado, neste ano as turmas não foram fechadas antecipadamente, mas aguardou-se a entrada de estudantes através de outros mecanismos além do vestibular. Chegou-se até a utilizar os resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), para o ingresso de novos candidatos. Porém depois de feita a opção a maioria dos candidatos desistiu porque imaginava que lhes seriam ofere-

cidas bolsas. Também foi oferecida uma nova modalidade de financiamento, diferente do FIES, feita pelo Bradesco a juros de 2,5%, que até o momento também teve baixa aceitação.

Esse quadro, por sua vez, está inviabilizando turmas e cursos como Ciências Atuariais, História (bacharelado noturno), Engenharia Elétrica e Sistemas de Informação. O curso de Português que há vários anos não abre turma em um primeiro momento conseguiu número suficiente, mas com as chamadas de outras universidades deverá ter sua situação revertida, apontando para o fechamento da turma. Assim os professores correm o risco de, nos próximos dias,

novamente depararem-se com a diminuição de contratos docentes e, em última instância, demissão de professores.

Pela Convenção Coletiva dos Professores e pelo nosso Acordo Interno, é proibida a redução imotivada de carga horária por iniciativa da instituição de ensino. A redução só pode ser proposta no início do ano letivo quando houver diminuição nas matrículas com consequente fechamento de classe. Mas nenhuma mudança pode ser unilateral. A Instituição de ensino tem até o final da segunda semana de aula para propor - por escrito - a redução de carga horária. O professor tem cinco dias corridos para responder - também

por escrito - se aceita ou não a mudança.

A APROPUC mais uma vez protesta contra esta situação constrangedora a que são submetidos nossos docentes, que reforça mais uma vez a danosa política de elitização de nossa universidade, que vê como única solução para seus problemas financeiros o aumento de suas mensalidades além da inflação.

A entidade conclama os professores a que fiquem atentos aos seus contratos e alerta para que procurem o departamento jurídico da APROPUC para discutir tal situação.

**Diretoria da APROPUC**

## MOVIMENTOS SOCIAIS

# Polícia e Prefeitura tumultuam carnaval na Vila Madalena

**Centrais sindicais criticam reforma da Previdência**

Sob o pretexto de coibir eventuais abusos no carnaval de rua a Polícia Militar armou uma verdadeira operação de guerra na Zona Oeste de São Paulo, em especial nos bairros de Vila Madalena e Pinheiros.

Na Vila Madalena foram designados mais de 800 policiais, dezenas de viaturas e até helicópteros. Os moradores tiveram seu dia a dia tumultuado uma vez que o quadrilátero central do bairro foi cercado permitindo-se somente a entrada por um lado e a saída por outro. Os moradores tinham que se identificar para chegar às suas casas e, quando a lotação do "cercadinho" chegava a cerca de 15 mil pessoas ninguém mais podia entrar.

Os blocos só puderam permanecer nessa região até às 16h e os bares tiveram de fechar por volta das 22h. À meia noite em ponto começava uma espécie de arastão que empurrava todas as pessoas para as margens do quadrilátero central. Essa truculência resultou em conflitos com os participantes, que não se conformavam com a expulsão. Várias vezes a polícia usou cassetetes e bombas de gás para dispersar os manifes-

tantes.

Nos dias que antecederam o carnaval a Polícia Militar e o PSIU multaram indiscriminadamente bares e restaurantes, como que preparando o clima para os dias seguintes. A Vila Madalena é um dos bairros de São Paulo que mais vem sofrendo com a especulação imobiliária. Prédios de luxo mudaram o cotidiano do bairro, expulsando moradores de baixa renda para as periferias mais distantes da zona oeste. Os novos moradores da Vila não têm a mesma característica da população boêmia que marcou o bairro nas últimas décadas do século XX. Formaram-se então associações de "vizinhos" que querem sossego a todo custo e reivindicam ações enérgicas da polícia para coibir os abusos. A Savima (Sociedade Amigos de Vila Madalena) chegou a instalar por conta própria câmeras de vigilância em pontos estratégicos da Vila, monitoradas da casa de um integrante da associação.

## RESISTÊNCIA CULTURAL

Por outro lado o Carnaval de São Paulo mostrou

uma tendência, que vem se manifestando nos últimos anos, de ocupação do espaço urbano principalmente pela juventude. Apesar da diferença de objetivos o Carnaval de 2016 apresenta características de ocupação territorial semelhantes às dos movimentos pelo Passe Livre ou contra a reorganização do ensino secundário proposta por Alckmin.

Alguns blocos, porém, vão além, propondo uma verdadeira resistência cultural e política ao atual status quo. É o caso do Ilú Obá de Min, um bloco composto exclusivamente por mulheres e que desde 2005 sai às ruas de São Paulo celebrando a cultura afro-brasileira e destacando a participação das mulheres no mundo. Esse ano ele saiu duas vezes sendo a primeira junto com a cantora Elza Soares iluminando a noite no centro de São Paulo.

Já o Bloco do Saci, formado por militantes, estudantes, movimentos e coletivos sociais, procura resgatar a tradição do carnaval de rua na cidade. Este ano o grupo saiu com o tema "poder popular contra a opressão".

Recentemente, a presidenta Dilma Rousseff colocou em pauta, durante um discurso no Congresso Nacional, uma nova Reforma da Previdência. A proposta é mais uma medida de retirada de direitos dos trabalhadores, colocando em suas costas a conta da crise que hoje assola o país. O Andes-SN, assim como outros movimentos sociais, se posiciona contra a nova proposta de mudança nos direitos da aposentadoria. Durante o 35º Congresso do ANDES-SN, realizado em Curitiba entre os dias 25 e 30 de janeiro, os docentes deliberaram por intensificar a luta contra o Funpresp – fundo de previdência complementar para os servidores públicos, pela anulação da reforma da previdência e também contra a nova proposta de mudança nos direitos de aposentadoria dos trabalhadores.

## Usiminas demite trabalhadores

Para os trabalhadores da Usiminas o ano começou com uma demissão em massa. Em janeiro o número de trabalhadores demitidos de maneira arbitrária e desrespeitosa chegou a mais de 700. Além da postura agressiva dos seguranças da empresa, os funcionários demitidos sequer receberam um exame demissional que investigasse a fundo se os anos de trabalho na empresa, em contato com produtos tóxicos, causaram algum prejuízo à saúde dos trabalhadores.

# Secundaristas prosseguem na luta

Após a vitória do movimento secundarista contra a tentativa do governador Geraldo Alckmin de sucatear as escolas estaduais, os estudantes prosseguem atentos e continuam colocando em prática uma

extensa agenda de mobilizações que engloba o aprofundamento de questões como democracia, desmilitarização da polícia, futuro da educação, entre outros temas. É caso, por exemplo, dos estudantes do Colégio

Fernão Dias, de Pinheiros, que vêm realizando semanalmente debates com professores, estudantes e intelectuais para aprofundamento dos temas que surgiram no dia a dia de suas mobilizações.

## GAUCHE NA VIDA

# Até quando a esquerda vai pagar por erros do lulismo?

Hamilton Octavio de Souza

É preciso ter bem claro que a fragilização do Governo Dilma Rousseff e de lideranças do PT atingem duramente todo o campo da esquerda brasileira, desde os que ainda defendem políticas de alianças com o empresariado, com setores conservadores e com as velhas oligarquias regionais, até os que se encontram na luta contra a direita, contra o neoliberalismo e na oposição ao lulismo desde os anos 1990 e mais recentemente. Todos, sem exceção, estamos pagando muito caro por desvios, erros, rendições e concessões políticas e éticas dos governos petistas e das forças de esquerda que lhes deram sustentação desde a campanha eleitoral de 2002.

O preço está sendo o alijamento da esquerda da vida institucional e do debate nacional nas universidades, na mídia, nos centros de formação política e até mesmo nos movimentos sociais populares e no seio das classes trabalhadoras, inclusive no operariado. Não seremos totalmente banidos, mas estamos com enorme dificuldade de encontrar espaços receptivos e de defender propostas de transformação social sem ter de ficar na explicação defensiva do desastroso caminho adotado pelo PT, que nada tem a ver com o projeto original do partido concebido nas lutas contra a ditadura e no potencial revolucionário dos trabalhadores nos anos 1970 e 1980.

Estamos enfrentando um período de forte bombardeio ideológico contra as esquerdas, um verdadeiro massacre na imprensa burguesa, que é agravado pelo desalento refratário da juventude, a falta de perspectiva na participação militante, o apagamento intelectual dos mais antigos e

solidários lutadores - enfim, estamos acudados e isolados para levantar e fazer avançar com força as verdadeiras bandeiras da esquerda na luta histórica contra a barbárie do capitalismo. O discurso da esquerda tem caído no vazio, enfrenta resistências de toda ordem, é visto com desconfiança e não consegue transpor a muralha passional que a direita construiu em torno do lulismo e do petismo.

Evidentemente não são os simpatizantes e militantes das ideias de esquerda os únicos a pagarem pelo desastre da aventura lulista: a maioria do povo, especialmente os trabalhadores e os mais pobres sofrem cada vez mais com o peso do programa neoliberal radicalizado e o avanço das velhas forças conservadoras e de direita; todos sentimos a ausência de aliados democratas, de vozes e de organizações políticas e sociais comprometidas com as lutas por um mundo justo e igualitário. Temos muita dificuldade em encontrar as bases e os caminhos para retomar o fio da meada e definir rumos minimamente consensuais.

A agonia do lulismo, conduzida por suas maiores lideranças desde os atalhos e as opções feitas em 2002, transfere efetivamente para as hordas de bárbaros os louros da vitória final e a consagração da conquista absoluta, que até o momento foram contidos porque nominalmente o governo federal carrega junto com a marca petista um amplo leque de alianças e interesses variados. Mesmo sem a menor condição de impor políticas e rumos próprios, o PT mantém o cetro simbólico do poder, que tende a derreter não apenas pela ausência de respaldo social, mas também pelos vários ordenamentos jurídicos que permitem aos advogados da

legalidade liberal-burguesa contestar a legitimidade do governo.

## ASSALTO FINAL

Independente de se chegar à fórmula do afastamento presidencial, via Congresso Nacional e eventualmente em algum tribunal, nada impedirá o assalto final das forças do atraso, se não agora muito provavelmente em 2018. Não há no horizonte do poder público, neste momento, nada que expresse ou sinalize algum avanço político, econômico e social. Ao contrário, as forças que estão à espreita significam apenas e tão somente maior retrocesso político e maior aprofundamento no modelo neoliberal, que não tem o menor pudor de extrair sangue numa Nação raquítica e esgotada pela rapinagem. Por acaso o sistema dominante fixou algum limite de sacrifício para os trabalhadores?

As forças de esquerda que se posicionam e se movimentam contra o lulismo e contra a esdrúxula composição do Governo Dilma Rousseff fazem um esforço incrível para ganhar cada vez mais inserção nas classes trabalhadoras e nos setores populares, mas estão muito longe de disputar com a direita e o conservadorismo a sucessão federal e o comando do país. Mesmo porque as forças de esquerda sofrem terrivelmente igual processo de desgaste que atinge o PT e o lulismo, apesar de todas as diferenças - e são muitas - de propostas e de compromissos políticos e éticos.

O que vem depois do Governo Dilma Rousseff será, com certeza, do ponto de vista do povo trabalhador, a continuidade das políticas neoliberais, além do acirramento da caça às bruxas, das perseguições de toda ordem, das restrições e discriminações não apenas na esfera da po-

lítica, mas na esfera dos serviços públicos, da saúde e da educação, da cultura e do comportamento. O programa econômico anunciado pela oposição de direita prevê nada menos do que a privatização de quase tudo, inclusive dos bancos públicos e das redes de ensino e de saúde. É o fim de festa do longo domínio dos mercados desde o marco do Consenso de Washington, em 1989.

De outro lado, positivamente, quanto mais cedo conseguirmos nos livrar do legado do lulismo e da catarse obrigatória desse período simbolizado na Carta ao Povo Brasileiro, mais cedo teremos condições reais de escaparmos da geia geral dessa política de conciliação de classes aprofundada pelas lideranças do PT; e mais cedo poderemos rearticular todo o campo progressista e de esquerda com a confiabilidade dos trabalhadores e do povo - condição essencial para a retomada das lutas e conquistas necessárias a um Brasil justo e igualitário. A direita sabe muito bem que ao jogar os holofotes sobre o lulo-petismo chafurdado na lama atinge em cheio o amplo campo da esquerda brasileira - que não se confunde nem com o lulismo nem com o PT.

## FORÇA E CREDIBILIDADE

A esquerda brasileira só conseguirá ressurgir com força e credibilidade social, com programas de transformação, com respaldo dos trabalhadores, quando os fantasmas do lulismo estiverem exorcizados, quando tivermos encerrado esse período de desagregação da nossa história política. Precisamos ter claro que em nome das forças progressistas e das esquerdas o lulismo e o petismo cometeram as maiores

continua na próxima página



continuação da página anterior

barbaridades, desde a política de alianças contrária ao programa partidário, o apoio ao projeto neoliberal, até o uso de métodos imorais execráveis historicamente pelas esquerdas. Precisamos ter claro que o oportunismo lulista e o credo petista de buscar a "governabilidade" a qualquer preço, fomentaram as forças do conservadorismo e da direita dentro e fora de seu arco de alianças espúrias.

Todo petista honesto, ao esbravejar contra a direita e o conservadorismo, deveria primeiro se perguntar "Por que a direita e o conservadorismo cresceram e ganharam força social justamente no período de governos do PT?". Ou "Por que os governos do PT não realizaram o necessário trabalho de formação e de conquista política da maioria da população?". Ou ainda "Por que os governos do PT sempre fizeram alianças à direita e combateram duramente as forças de esquerda e os movimentos dos trabalhadores?". Com certeza, depois de uma boa autocrítica o petista honesto só pode admitir que chegou a hora sim de virar a página da história, deixar de lado o que não deu certo e partir para a construção de algo novo junto com os trabalhadores e com o povo brasileiro.

A luta exige clareza nos objetivos, nas alianças e nos métodos para o enfrentamento das classes dominantes, da direita política e econômica e do conservadorismo dos valores. Não queremos retrocesso. Ao contrário, queremos avançar na conquista de direitos das classes trabalhadoras e do povo pobre explorado e oprimido. Queremos uma sociedade livre, democrática, justa e igualitária. A nossa resistência precisa ganhar as ruas e todos os espaços de luta política. É preciso trocar a crença dogmática do lulismo por um novo instrumental de organização social, baseado nos fatos concretos e na capacidade humana de mudar a realidade. Que a gente consiga fazer isso o quanto antes!

**Hamilton Octavio de Souza é jornalista e professor.**

# ROLA NA RAMPA

## Calourada começa com diversas atividades

Nesta primeira semana de aulas, diversos Centros Acadêmicos da PUC-SP prepararam atividades para receberem os calouros que chegam à universidade.

No curso de Jornalismo, por exemplo, o Centro Acadêmico Benevides Paixão chamou o jornalista Leonardo Sakamoto para ministrar a aula magna do curso na terça-feira. Nos outros dias, os veteranos levarão os novos alunos para conhecerem a PUC-SP e apresentarão os projetos e órgãos laboratoriais criados na faculdade. Na sexta-feira, haverá um café da manhã e um lanche da tarde no Bosque. Todas as atividades acontecerão de manhã e à noite.

Dos dias 15 a 19/02, o curso de Serviço Social da PUC-SP preparou uma programação para receber os calouros. Na

segunda-feira, às 19h30, haverá um debate sobre o Serviço Social dentro da PUC, sua trajetória histórica e desafios contemporâneos, como presença da Profa. Dra. Maria Beatriz Abramides. No dia seguinte, no mesmo horário, o debate será sobre o Serviço Social e a sociedade, com participação do Prof.Dr. Lúcio Flávio de Almeida. Já na quarta-feira, de manhã e à noite, o tema é a experiência da ocupação das escolas em São Paulo, com expositor a definir e participação de alunos que estão dentro do movimento. No dia seguinte, às 19h30, o evento debate a organização dos estudantes dentro da PUC-SP, com a presença de grupos que estão dentro da Universidade. No dia 19/2, às 19h30, haverá o encerramento com

uma confraternização dos alunos do curso de Serviço Social. Todos os eventos acontecerão no auditório 100-A do prédio novo.

Entre os outros cursos do campus Monte Alegre haverá rodas de conversa para explicar o significado e a importância dos Centros Acadêmicos, além de atividades que reforçam a importância da resistência e da luta do movimento estudantil dentro da PUC-SP.

A Pró Reitoria de Relações Comunitárias e o Projeto Intervenções e Batucadas 100 estarão realizando entre os dias 15 e 18 shows musicais na Prainha com os conjuntos Sala Espacial, Tonho Penhasco, Theo Werneck, e Jai Mahal e os Pacíficos da Ilha. Veja as datas e horários em [www.pucsp.org.br](http://www.pucsp.org.br).

## Sinpro-SP define datas das primeiras rodadas salariais

As datas das primeiras rodadas de negociações entre o Sindicato dos Professores de São Paulo (Sinpro-SP) e os patrões já estão agendadas. Serão realizadas negociações separadas com o Sindicato do Ensino Superior e com o Sindicato do Ensino Básico.

No Ensino Superior a primeira rodada de negociação está prevista para 15/2, às 9h30, na sede do Se-

mesp, sendo que os dias de negociação serão definidos nessa primeira reunião. Na Educação Básica já ocorreu uma reunião para fechar os dias de negociação. A primeira rodada acontecerá em 16/2, às 14h30, na Fepesp. Os demais encontros estão previstos para 23/2, 1/3, 8/3, 22/3 e 29/3. Com data base em 1/3, os professores reivindicam 15% de reajuste salarial.

## Prédio da PUC-SP pode ser criadouro de mosquitos

O antigo prédio do Comfil, localizado na Rua Monte Alegre, pode ter se tornado um foco para a proliferação do mosquito *Aedes Aegypti*. O prédio está abandonado há alguns anos, perigo de desabamento, mas ainda assim estudantes do curso de Jornalismo continuam tendo algumas de suas aulas lá. Apesar disso, não é feito qualquer tipo de

investimento ou melhorias na infraestrutura do local, que se encontra em condições precárias. O professor Jorge Claudio Ribeiro já havia notificado a Pró Reitoria de Relações Comunitárias acerca do possível foco de mosquitos em janeiro e a ele foi pedido "paciência". Neste mês, o professor fez um novo alerta ao pró reitor Jarbas Vargas.

## Programa de Economia convida para aula inaugural

O Programa de Estudos Pós-graduados em Economia Política e o Grupo de Pesquisas Políticas para o Desenvolvimento Humano da PUC-SP convidam a comunidade para a sua aula inaugural no dia 25/2, quinta-feira. No mesmo dia também haverá o lançamento do livro "Austeridade Para Quem? Balanço e Perspectivas do Governo Dilma Rousseff", com a presença dos professores Pedro Paulo Zahluth Bastos (Unicamp), Antonio Correa de Lacerda, Ladislau Dowbor e Rosa Maria Marques (PUC-SP).

O evento ocorrerá às 19h30, no auditório 117-A do Edifício Reitor Bandeira de Mello (prédio novo).